

# GILLETTE BORGONHA — ATO 1

*Borgonha — França*

*ATO 1 — A casa de fazenda de uma segunda vida*

As histórias nunca são as mesmas, porque os momentos em que elas se encontram nunca são os mesmos. Os lugares mudam. As estações mudam. As pessoas mudam. E, quando as mulheres cruzam o caminho delas, a previsão perde todo o valor.

Contei esta história algum tempo atrás. Hoje quero contá-la de novo com mais intensidade, quase como uma conversa comigo mesmo—um chamado da memória, uma voz que continua batendo à porta do tempo, me lembrando não só do que foi, mas talvez do que ainda possa ser.

**ATO 1 — A CASA DE FAZENDA DE UMA SEGUNDA VIDA**

Vinte anos antes, eu tinha partido para a Borgonha, no coração da França, com a intenção de comprar uma velha casa de fazenda.

Era uma terra de vinho, de queijo e daquela elegância discreta que os franceses guardam como uma herança. Eu já conhecia o corretor de imóveis da região que cuidava do negócio. Ele tinha apresentado a propriedade como uma oportunidade rara, e as condições eram atraentes o bastante para me deixar curioso.

Nunca fui caçador de pechinchas. Pechinchas são invenções humanas. As verdadeiras oportunidades pertencem à providência.

A região ficava longe das grandes rotas comerciais. Os visitantes chegavam sobretudo nas temporadas de colheita, em agosto e setembro, ou para as festas locais que celebravam os vinhos novos. No resto do ano, o silêncio reinava sobre as colinas e os campos.

A casa estava em excelente estado. Precisava de alguma manutenção, de uns poucos ajustes estruturais e de um escritório decente no térreo. Nada de particularmente trabalhoso.

O corretor, porém, parecia ter pressa.

Uma tempestade se aproximava, explicou, e sugeriu que inspecionássemos a propriedade depressa, a cavalo.

Doze hectares.

Vinhedos que se estendiam até o horizonte.

Vinhos tintos.

Vinhos brancos.

Champanhe.

Um pequeno lago a oeste.

Fileiras de acácias.

Contratos em vigor para a venda das uvas.

Enquanto cavalgávamos pela propriedade, perguntei por que os donos estavam vendendo.

A resposta dele foi simples e devastadora.

“Minha mulher tem câncer. Não quero que ela passe os anos que lhe restam presa a esta propriedade. Quero levá-la para dar a volta ao mundo enquanto ainda podemos.”

Não falei nada.

De volta às cocheiras, reparei em oito magníficos cavalos árabes jovens.

Perguntei o preço da propriedade inteira.

A casa.

A terra.

Os vinhedos.

As cocheiras.

Os cavalos.

O homem hesitou.

Parecia quase ter medo de dizer.

Então disse.

“Seiscentos e cinquenta mil euros.”

Pensei por alguns segundos.

No dia seguinte fomos ao tabelião.

Paguei à vista.

Sem hipoteca.

Sem banco.

Sem financiamento.

Tornei-me dono de uma propriedade na Borgonha.

Um viticultor.

Um agricultor.

Até um homem do campo.

E, sorrindo para mim mesmo, pensei que todos os que tinham afirmado que eu escrevia feito um cachorro haviam enfim encontrado a profissão perfeita para mim.

---

*Ferdinando*